

O PAPEL DA MORTE¹

Swami Paratparananda²

I

Uma criança vem ao mundo distribuindo felicidade, por assim dizer, para todos seus próximos e amados. Sim, até a mãe que sofre dor extrema para trazê-lo ao mundo fica contente e esquece todas suas dores ao olhar para ele. Mas a própria criança nasce com um choro. A criança torna-se um adolescente e então um homem, executa ações boas ou más, envelhece e ao final se despede deste mundo quer queira quer não, mergulhando seus parentes próximos em sofrimento. Esta é a existência do homem. Mas como o homem faz sua saída do mundo? Tentaremos explicar isto aqui. A maior parte das pessoas o faz contra sua vontade, lutando para escapar, mas incapaz de livrar-se das garras da morte. Com suas mentes pairando sobre a riqueza que adquiriram, sobre seus filhos queridos que o cercam e por fim sobre seus próprios corpos que apesar de destrutíveis foram bem cuidados, mesmo estando desgastados. É com um aperto no coração que deixam o corpo, é insuportável, mas ao mesmo tempo inevitável. Este é o modo que a maioria das pessoas parte deste mundo – com lamentos e gemidos. As dores da morte são terríveis.

Não acreditemos nem por um momento se alguém disser que todos estes que dizem adeus desta maneira são agnósticos, ateus ou céticos, pois mesmos os assim chamados crentes não partem de maneira melhor. Pois estes não praticaram o que seus lábios disseram e seus corações não responderam. Não têm fé em suas próprias crenças, nenhuma confiança no Deus que professam. Por isso eles também partem deste mundo da mesma maneira. A morte é um processo inevitável³ desta criação. Esta é a única coisa certa neste universo; florestas se transformam em cidades e cidades se transformam em dunas desérticas; onde existem montanhas pode haver lagos no futuro. Portanto existe incerteza sobre tudo, mas a morte é certa para cada ser que nasce⁴. Tudo é momentâneo. Você teve seus bisavós e também estes os tiveram; onde todos estão agora? Se foram, se foram para o ventre da morte.

Que os mais sofisticados não pensem que uma visão pessimista da

¹ Editorial da revista *Vedanta Kesari* – Junho de 1964, página 163.

² Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

³ Bhagavad Gita, II, 27.

⁴ Ibid.

vida está sendo apresentada aqui. Não há intenção nisto de enfraquecer o homem. Esta a mais realista visão de todos os realismos. Por que não seríamos realistas e cegaríamos nossos olhos para este fato incontestável? Pois a morte não consome tudo? A resposta é sim. Que isto não seja esquecido. O papel da morte é, portanto, fazer o homem consciente de seu destino: que por mais elevada sua posição na sociedade, por mais ajuda da tecnologia e medicina que tenha, seu fim está em um caixão ou em um punhado de cinzas. Então iremos lamentar em nossa vida e viver enlutados? Não, este não é o propósito da vida, nem o da morte. Este processo de nascimento e morte será repetido até que conheçamos a Deus, vejamos a Deus, O realizemos nesta mesma vida. Uma referência a esta ideia é encontrada em um dos Upanisads que comenta: “Se você O conhecer aqui, terá a verdade, terá tudo. Do contrário será uma grande perda – um final. Conhecendo a Ele (Brahman) como presente em todos os seres os sábios, deixando seus corpos mortais, atingiram a Imortalidade.”⁵

A passagem acima implica em quatro coisas claramente: (1) que existe vida após a morte, (2) que existe um modo de vida em que a vida do homem pode ser frutífera aqui e abençoada após a morte, (3) que toda vida vivida de outra forma é um desperdício colossal, (4) que o caminho para a Imortalidade está em ver a divindade manifesta em todos os seres.

II

Se a morte espreita o mundo e pensarmos sobre isto, como teremos coragem de viver uma vida, gloriosa ou não? Esta pergunta também foi respondida na passagem acima citada. Vejamos como. Temos aqui [nesta passagem] duas palavras, *mṛtyu* (morte) e *amṛta* (imortal). Após a morte [a pessoa] torna-se imortal. Isto não é uma contradição? Aparentemente é. Mas o que é aquilo que morre? Podemos dizer que é o corpo? Não. O corpo está lá apesar de que o espírito se afastou. O que mantinha o corpo se movimentando? O espírito. Portanto a morte é uma separação deste corpo material de algo que nós, homens comuns, somos normalmente ignorantes, mas que aqueles que O sentiram e experimentaram chamam de Espírito, o Ātman, Jiva ou Ser. E conhecendo este Ātman tornam-se imortais, eles dizem. Qual o significado disto? Eram mortais então? Não, mas em palavras comuns não podemos descrevê-lo de outra forma. Pois o homem vê o corpo e acha que é uma massa de carne e ossos. Muito poucos podem transcender esta ideia. É impossível para muitos até pensar que pode haver alguma existência além do corpo. Esta ideia até os assusta. Para estes se diz que este Ātman torna-se imortal. Assim,

⁵ Kena Up., II, 5.

sabendo que nem tudo termina aqui, o homem pode ter coragem de trabalhar para o além, ou imortalidade.

Nos tempos antigos este fenômeno da morte deve ter feito o homem começar a pensar no 'o que acontece após', como notamos na estória de Nachiketa no *Kathopanishad*. Até hoje é um grande enigma para uma grande parte da humanidade. O homem não se atreve a espiar além do mundo dos sentidos. Pois lá é escuro para ele. Ele não tem o equipamento nem os instrumentos para explorar suas profundidades. Não consegue conhecer nada.

O que está além é um mistério que a morte mesma guarda em sua posse. Aqueles que são capazes de arrancar este segredo dela partirão daqui sorrindo; eles aceitarão a dissolução física com a mesma equanimidade que aceitaram a vida. Pois desmascararam a morte. É a máscara que está assustando ao homem. As crianças têm medo quando alguém as assusta colocando máscaras sinistras. Mas algumas espertas entre elas descobrirão que é a mãe que veio assustá-las e estando certas disto, abraçam a ela sorrindo. Da mesma forma, assim que o homem conhecer a verdadeira natureza da morte e ver a face da Realidade sem máscaras, ele não mais terá medo. Pois descobrirá que o real em si mesmo e a Realidade por trás do universo são idênticos ou verá que é a bem-amada Mãe que existe além do alcance dos sentidos. Então compreende que ao partir deste mundo não perderá nada, mas ganhará a eterna companhia da Divina Mãe ou do Senhor. Sendo assim, como pode a morte assustá-lo? Existem exemplos de pessoas que se despediram deste mundo com a visão de seu Ideal escolhido, dizendo, 'Estou indo, Mãe, estou indo', provavelmente em resposta ao aceno da Mãe. Isto não deve ser confundido, contudo, com o delírio de um cérebro febril, pois foram vistos estando em total controle de suas faculdades enquanto partiam deste mundo. Após exclamar estas palavras, com um sorriso em seus lábios eles partiam sem qualquer esforço, sem qualquer arrependimento. Sri Krishna diz no *Gita*, 'Aquele que ao final de sua vida deixa seu corpo recordando a Mim apenas, sem dúvida alcança minha verdadeira natureza.'⁶

Não há uma única passagem nas escrituras Hindus que fale ou indique a morte como algo a ser temido. Aqui, na *sloka* (verso) do *Gita* citado acima, por exemplo, temos as palavras, *kalevaram muktoā*, abandonando o corpo e *prayāti*, vai. Estas expressões mostram que não há extinção do indivíduo (o *Ātman*) pela sua separação do corpo. Esta é a ideia que é ensinada - de uma viagem - uma bela ideia, cheia de significado. Quem não conhece sobre viagens nestes dias? Todos viajam de acordo com seus meios e gostos. Alguém vai a um lugar sagrado,

⁶ Gita, 8.5.

outro para ver belas paisagens, um terceiro viaja a negócios, e um quarto é arrastado pela corrente da escravidão de um lado a outro do mundo, etc. Da mesma forma, o homem de acordo com seus desejos, de acordo com seus gostos e inclinações e com a carga de mérito e demérito sobre suas costas viaja, isto é, transmigra de um corpo a outro, de um lugar de gozo a outro, ou de forma direta volta ao Senhor, de quem veio, para viver em comunhão com Ele. Quando a morte é vista nesta perspectiva, pode o homem ter medo dela? Sem dúvida é bom e grandioso desprezar a vida e enfrentar a morte sorrindo por uma boa causa, tornar-se um mártir. Mas é muito melhor e mais grandioso partir conhecendo a Realidade – um estado que elimina a roda de nascimento e morte para sempre para essa pessoa.

Como a realização de Deus ou a Realidade liberta ao homem do medo da morte? Como já dito, este fenômeno da morte une o devoto com seu Ideal escolhido, o bem-amado Senhor, ‘por medo de quem o fogo queima e o sol brilha e dá calor; por medo de quem, Indra, Vayu e até a Morte, o quinto, cumprem suas tarefas obedientemente’⁷. Se é o próprio Senhor que dirige a Morte, por que o devoto deveria ter medo dela? Pois quando a morte chega é pela vontade de Deus. Visto pelo ponto de vista do *Advaita* [Vedanta], também é o mesmo, pois ‘após realizar a unidade de tudo, onde poderá haver afeto ou sofrimento’⁸. Neste estado não há mais ir ou voltar. Sri Ramakrishna discute este ponto de forma muito penetrante. Ele coloca as questões: Quais são os deveres do homem? O que lhe acompanhará após a morte, no além? Ele mesmo responde assim:

“Verdade. Quando um homem morre após atingir o Conhecimento, não tem que ir a outro plano de existência; ele não nasce de novo. Mas enquanto não atingir o Conhecimento, deve-se voltar para a vida nesta terra, não pode escapar disto. Para esta pessoa existe um além. Um homem é liberado após realizar a Deus. Para ele não existe mais a volta a esta terra. Se grãos de arroz cozido são plantados, não germinarão. Assim também, se um homem é cozido pelo fogo do Conhecimento, não pode levar uma vida mundana, pois não tem nenhum apego por ‘mulher e ouro’. O que você ganhará plantando grãos de arroz cozido?... Aquele que realizou a Deus obteve o fruto da Imortalidade – não um fruto comum como cabaça e abóbora. Ele está livre do renascimento. Ele não nasce em nenhum lugar – na terra, no mundo solar ou no mundo lunar.”⁹

Esta declaração de Sri Ramakrishna é amplamente suportada pelo Śruti e Smṛti. Yājñavalkya foi questionado por Ārthabhāga: ‘Quando este homem liberado morre, seus órgãos o deixam ou não?’ Yājñavalkya

⁷ Katha Up. 6.3.

⁸ Isha Up. 7.

⁹ The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947, p. 640, Pub. Sri Ramakrishna Math, Madras Índia.

responde, 'Não, eles se absorvem nele apenas. O corpo incha e neste estado morre.'¹⁰

Na discussão anterior Yājñavalkya estabelece que a morte é devorada por outra morte - a morte da realização; e dá o exemplo do fogo e da água. Como o fogo consome tudo e até este fogo torna-se alimento [é consumido] da água, portanto a própria morte torna-se o alimento da auto realização. O *Gita* também diz: 'Aqui mesmo a transmigração é vencida por aqueles cuja mente está estabelecida na equanimidade; pois Brahman é perfeito e imaculado; por isso se estabelecem em Brahman.'¹¹

III

Quando dizemos que as escrituras Hindus não descrevem a morte como algo a ser temido, podemos supor que elas encorajam a morte pelo suicídio? Não existe nenhuma base para tal suposição. O suicídio é cometido geralmente por pessoas frustradas ou covardes que não se atrevem a enfrentar as calamidades ou então por pessoas que perderam seu equilíbrio mental, pelo menos por um momento. Mas podem existir alguns poucos casos onde algumas almas realizadas terminaram suas existências físicas deliberadamente; mas tais exemplos são muito raros e não podem ser chamados de suicídio. Sri Ramakrishna tinha esta opinião.

Aqui é necessário dizer que meramente imaginar que se realizou a Deus, ou por ter tido alguns sonhos ou visões passageiras com relação a Deus, não capacita ninguém a terminar sua vida nesta terra. As marcas da realização de Deus são muito claras para não serem notadas. Para realizar a Deus deve-se estar livre dos desejos, como na analogia de Sri Ramakrishna do barco - 'todos os parafusos e porcas de um barco que está passando sobre uma mina magnética se soltam e o barco afunda', da mesma forma, quando uma pessoa realiza o Supremo, seus desejos são completamente destruídos, os gozos mundanos ou celestiais não o atraem, todas suas dúvidas ou vacilações terminam; os frutos de todas as suas ações, boas ou más, são aniquilados.¹² Aqui está um teste da abnegação de um homem. Geralmente as pessoas desejam os frutos de suas boas ações. Se um homem pode sinceramente abandonar seu desejo de gozar os frutos de seus atos meritórios - até mesmo o desejo de ganhar nome e fama - então ele atingiu a perfeição. Em outras palavras, somente um homem que realizou a Deus, que sente a Deus em cada respiração, pode ser tão desapegado. Esta pessoa pode largar seu corpo se sentir a atração de Deus demasiado intensa para resistir ou então reter seu corpo

¹⁰ Br. Up. 3.2.11. Traduzido por Swami Madhavananda.

¹¹ Gita, 5.19.

¹² Mundaka Up. 2.2.8.

enquanto seu *prārabdha karma* durar.

IV

A morte é um instrumento no arsenal da natureza para prevenir o homem de prender-se demasiado nos assuntos do mundo. Se nós considerarmos seu papel de um modo mais materialista, a morte é um grande apaziguador do sofrimento e da doença. As doenças assaltam o homem não importa qual seja sua idade, de acordo com os méritos de suas ações feitas no passado ou na vida atual; com a idade o poder de resistência cai e as doenças assumem magnitude assustadora. Ainda assim, o homem dedicado à vida exterior, não sente que seus desejos diminuam. Sri Sankara em uma gráfica descrição no seu poema *Mohamudgara* declara: 'Com a pele enrugada, com a face coberta de manchas, desdentado, o homem velho cambaleia com seu bastão e mesmo assim sua inútil massa de desejos não o abandona'¹³. Este é o destino do homem que se ilude no mundo que criou ao seu redor. Sri Ramakrishna cita o exemplo do bicho da seda que constrói um casulo ao redor de si e sofre para morrer nele. Se ele se importar, pode quebrar e sair dele e voar livre em sua bela forma. Mas tal é seu apego à casa que construiu que prefere permanecer e conseqüentemente morrer lá! O homem não age melhor que isso. Ele está satisfeito em desfrutar dos seus ciúmes mesquinhos, com suas aquisições moralmente questionáveis e com sua esposa e filhos, a quem considera seus mais queridos e próximos. Mas o que acontece quando morre? Sankara pateticamente descreve assim: 'Enquanto houver respiração no corpo, eles [sua família] perguntarão pelo seu bem-estar, mas quando o último respiro deixar o corpo, sua própria esposa terá medo daquela carcaça.'¹⁴

Contudo, é pela *maya* [ilusão] que o homem é enganado para acreditar que tudo está bem com ele. Sri Ramakrishna declara que mesmo o Senhor preso na *maya* não gosta de sair dela. Ele dá o exemplo da mítica Encarnação do Senhor Vishnu como uma porca. Por um longo tempo após ter sido cumprido o propósito pelo qual Ele assumiu aquele corpo, o Senhor não retornou a Sua morada. Os deuses [seres celestiais] ficaram perturbados e mensageiros foram enviados, mas o Senhor não deu ouvidos a eles. Por fim os devas com Shiva à frente foram a Ele e o encontraram dando de mamar aos seus pequenos. Disseram-lhe que deveria retornar a Sua morada e Ele respondeu que estava muito feliz ali e não queria deixar seus filhotes. Com isso, conta a estória que Shiva com Seu tridente destruiu o corpo de porca do Senhor e Ele com uma grande gargalhada retornou a Sua morada. A estória pode ser um mito, mas dá

¹³ Mohamudgara, 15.

¹⁴ Ibid, 6.

uma grande lição. A condição do homem é quase idêntica. O homem também, esquecendo sua própria natureza, brinca nas poças de lama deste mundo, chora e geme e algumas vezes ri para em seguida chorar novamente. Mas quando chega a conhecer sua verdadeira natureza, renuncia a todas as coisas passageiras e busca o Eterno. E até que atinja o Eterno, até que cesse de ver, por assim dizer, muitas coisas aqui, terá que enfrentar a morte repetidas vezes, diz o *Kathopanisad*¹⁵. A este respeito também o papel da morte é notável. Se uma morte apenas é insuportável, não deveria então o homem tentar vencer esta ronda de nascimentos e mortes?

Qual é o caminho? Para o ser humano comum o caminho da retidão, *dharmā*, foi aconselhado pelas escrituras. Quando tiver sido praticado corretamente o homem torna-se preparado para seguir adiante. Sem uma base moral, não poderá haver um edifício espiritual, grande ou pequeno. 'Aquele que não deixou a maldade, aquele que não atingiu a equanimidade, que não controlou seus sentidos e com uma mente instável, não pode aspirar alcançar este conhecimento (do Ātman).¹⁶ Este é o veredito dos sábios de todas as épocas e climas e aquele que quiser cruzar este oceano de nascimento e morte deve praticar equanimidade, moralidade, castidade e controle dos sentidos. Não há outro caminho. 'Nem pelo *karma*, nem gerando filhos, nem pela riqueza, mas apenas pela renúncia (de todos os desejos) alguns alcançaram a imortalidade (foram além dos limites da morte)¹⁷, declara o *Upanisad* categoricamente.



Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

¹⁵ Katha Up. 4.10.

¹⁶ Ibid., 2.24

¹⁷ Kaivalyopanisad, 1.3.